

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

IARA ROBERTA BAIROS LEMOS

**GOLPE NO SONHO TRABALHISTA: O ÚLTIMO GOVERNO DEMOCRÁTICO DE
SANTA MARIA ANTES DA DITADURA MILITAR**

Santa Maria

2006

IARA ROBERTA BAIROS LEMOS

**GOLPE NO SONHO TRABALHISTA: O ÚLTIMO GOVERNO DEMOCRÁTICO DE
SANTA MARIA ANTES DA DITADURA MILITAR**

Monografia de Especialização em História do Brasil
Para a obtenção do título de Especialista em História
do Brasil
Universidade Federal de Santa Maria

Orientador: Prof. Msc. Joel Abílio Pinto dos Santos

Santa Maria

2006

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Pós-Graduação em História do Brasil

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a Monografia de Especialização

**GOLPE NO SONHO TRABALHISTA: O ÚLTIMO GOVERNO DEMOCRÁTICO DE
SANTA MARIA ANTES DA DITADURA MILITAR**

elaborada por

IARA ROBERTA BAIROS LEMOS

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em História do Brasil

Comissão Examinadora:

Prof. Msc. Joel Abílio Pinto dos Santos – Orientador

Prof. Dr. Diorge Alceno Konrad

Prof^a. Dr^a. Silvana Grunewaldt Hilling

Santa Maria, julho de 2006

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Paulo e Ana e a minha irmã Paula, que sempre estiveram ao meu lado, incentivando-me em todos os momentos. Essa vitória também é de vocês. Afinal, jamais teria conseguido chegar aqui se não fosse pelo esforço conjunto de todos vocês.

Ao Joel, meu orientador oficial, pelas devidas orientações e ajudas. Ao Diorge e a Silvana, que mesmo sem levarem o título de orientador, prestaram-me essencial ajuda para a composição deste trabalho. Um agradecimento especial também aos meus entrevistados e ao Jornal *Diário de Santa Maria*, veículo no qual atuei por mais de três anos e que me ajudou conhecer ainda mais sobre a política da cidade.

RESUMO

Trinta e um de março de 1964. Santa Maria vivia o começo do seu primeiro governo do PTB desde a criação do partido em meados de 1945. Era o começo de um governo que chegou ao comando alicerçado pelo movimento ferroviário, a maior categoria da época em atuação na cidade. Paulo Lauda e Adelmo Simas Genro haviam conquista o direito de comandar a prefeitura nas urnas, em uma eleição em que venceram uma aliança de situação formada por sete partidos em novembro do ano anterior. A posse aconteceu em janeiro. Ganharam a chave da cidade dos moradores do Bairro Itararé, típico reduto ferroviário, como contou uma reportagem do jornal *A Razão* da época. Mal sabiam que começava ali a contagem regressiva. A dupla foi deposta do cargo dias depois da implementação do regime militar que derrubou João Goulart da presidência do Brasil. Tiveram os direitos políticos cassados, foram presos, não sofreram tortura física, mas a psicológica os acompanhou pelo resto de suas vidas. Tal como a frustração por não terem conseguido implementar as propostas que os garantiram a vitória nas urnas. A análise do último governo democrático de Santa Maria antes de os militares tomarem o poder foi feita por meio de base bibliográfica de autores que analisam o período, desde a criação do PTB, em 1945, até a chegada dos militares ao poder, em março de 1964. Entrevistas de políticos que atuaram na época e de ferroviários que militavam no PTB ou apoiam suas ideais também foram utilizadas para reconstituir o cenário político de Santa Maria no começo dos anos 60. Tudo para fazer um levantamento histórico-político da cidade. Uma história política que nunca mais foi a mesma. Uma história política encerrada juntamente com o fim da democracia que somente foi retomada quase vinte anos depois, mas que deixou marcas eternos na sociedade passada, na atual e nas futuras gerações.

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Reportagens em Jornais	47
--	----

SUMÁRIO

RESUMO	4
INTRODUÇÃO	6
1 A INTERVENÇÃO DOS ÍDOLOS POLÍTICOS NA SOCIEDADE	10
2 O PTB DE GETÚLIO VARGAS A JOÃO GOULART	14
3 SEMENTE REGADA PELOS FERROVIÁRIOS	22
4 A CHEGADA DE PAULO LAUDA E ADELMO GENRO AO PODER	28
5 CONSTRUÇÃO DE UM GOLPE QUE CHEGOU NA MADRUGADA	31
6 ANOS DE CHUMBO: A DEPOISÇÃO DE LAUDA E ADELMO	35
CONCLUSÃO – O FIM DO TRABALHISMO NOS SEUS MOLDES TRADICIONAIS ..	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44
ANEXOS	46

INTRODUÇÃO

Ser popular não significa ser populista. Basta ir ao dicionário para constatar a diferença gramatical. Uma pessoa popular é aquela que, pelo seu trabalho ou formas de atuação, torna-se agradável ao povo ou a uma determinada categoria. A populista, em contrapartida, é aquela pessoa que faz uma política baseada no aliciamento das classes inferiores da sociedade. Em geral, é o político que utiliza seu carisma para conquistar o apoio necessário para as suas aspirações pessoais ou do grupo o qual representa.

Apesar dos significados distintos, na história da política brasileira, especialmente no período que vai de 1945 à implementação do regime militar, essas duas palavras não conseguiram se manter independentes uma da outra. Ser popular se tornou sinônimo de populista. Políticos populistas foram políticos populares. Nacionalmente, Getúlio Vargas foi o principal ícone deste período. Uma fusão perigosa que resultou num colapso social de conseqüências esmagadoras para a sociedade que, de um forma ou outra, foi aliciada pela política da época. E, aliciada, acabou atingida de forma dolorosa pelas conseqüências sociais que resultaram deste período. Vinte anos de regime militar carimbados na história.

Se nacionalmente Getúlio Vargas foi o grande ícone da geração dos anos 40 e 60, em Santa Maria, a principal cidade de mobilização ferroviária do estado, não foi diferente. A figura de Vargas e de seus companheiros, especialmente o ex-governador do Estado Leonel de Moura Brizola, influenciaram a construção política da sociedade local e insuflaram a categoria dos ferroviários a lutar em prol das conquistas sociais. Após a criação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em 1945, a mobilização das lideranças locais não demorou a começar. Movimentos grevistas foram organizados. Passeatas e manifestações mudaram a imagem da avenida Rio Branco, o principal centro de congregação dos ferroviários da época.

Ideais por busca de mudanças sociais que resultaram na construção de

figuras políticas locais populares aos eleitores da cidade, mas que traziam na sua base de formação histórico-política a força da influência populista. Os nomes mais fortes chegaram à prefeitura sob forte aclamação popular: o médico Paulo Lauda e o professor Adelmo Simas Genro. Contudo chegaram tarde, no começo de 1964, quando o Brasil já trilhava o caminho que levaria poucos meses depois ao término do populismo. Foram os representantes do primeiro governo de esquerda construído em Santa Maria. Marco divisório da história trabalhista local. Depostos pelo regime militar, Lauda e Adelmo significaram bem mais que o fim de um governo. Foram o fim do trabalhismo tradicional para o começo de um novo trabalhismo. O trabalhismo sem populismo que só voltou a surgir 20 anos depois, quando os militares deixaram o poder. Tarde demais para o povo recuperar os ideais de mudanças e busca por melhorias sociais. Tarde demais para lutar contra as forças militares.

O fim do último e mais meteórico governo que Santa Maria já viveu na sua história política é o principal problema da pesquisa realizada neste projeto de monografia. Neste contexto, parte-se da análise de como a situação da política nacional, as idéias de Vargas, Brizola e, posteriormente, João Goulart, influenciaram na construção da política trabalhista local, a política que mais força tinha em Santa Maria no começo dos anos 60.

O objetivo geral do estudo é analisar como as influências da política nacional interferiram na chegada de Paulo Lauda e Adelmo Simas Genro ao comando da prefeitura de Santa Maria. Em especial, faz-se uma análise da conjuntura nacional, desde a criação do PTB de caráter populista de Vargas, líder político carismático que serviu de inspiração para a própria construção das figuras políticas locais. Lauda e Adelmo venceram as eleições de novembro de 1963 sob forte aclamação popular, derrotando uma chapa de oposição formada pela coligação de sete partidos políticos. A busca pelas tão almejadas reformas de base defendidas por Goulart, seguidor dos princípios políticos de Vargas, foram os fermentos que resultaram na vitória trabalhista em Santa Maria.

Para tanto, usou-se como metodologia o estudo bibliográfico de autores que tratam sobre o período que se refere de 1945 – com a criação do PTB – até a derrotada dos ideais trabalhistas com a imposição do regime militar, em 1964. A análise bibliográfica foi sobreposta ao depoimento de Adelmo Simas Genro e do coronel da reserva Alexandre Máximo Amêndola, prestados à própria autora da presente monografia em junho de 2003. Também foram utilizados como referência para a construção desta monografia reportagens do jornal *A Razão* do ano de 1963

e 1964. Reportagens do jornal *Diário de Santa Maria*, publicadas nos anos de 2003 e 2004 e escritas pela autora da presente monografia, a qual assina todas as reportagens utilizadas, também foram utilizadas como fonte de estudo.

Logo no primeiro capítulo, percorre-se um caminho que tem início com um estudo sobre a história das teorias da comunicação e a forma negativistas como os membros da Escola de Frankfurt viam a construção das figuras populistas e a forte interferência delas na trajetória política. O ex- presidente da República Getúlio Vargas foi o exemplo mais direto. O criador do PTB foi de popular a populista em um curto espaço de tempo. Tornou-se ídolo das gerações da época e das seguintes, líder da mobilização da classe trabalhadora, defensor dos direitos do trabalho, mas centralizador e até, algumas vezes, com características ditatoriais que culminaram na sua deposição do governo nos anos 40.

O retorno aconteceu poucos anos depois, aclamado pelos braços do povo, provando que o carisma é uma característica de forte influência nestes tipos de políticos. A personalidade pública domina de fato os espectadores silenciosos, que precisavam ver no ator público certos traços de sua personalidade, quer ele a possuísse, quer ele não. Neste contexto, é feita uma análise das teorias de Karl Marx, entre outros autores, principalmente no que diz respeito à alienação das massas e a falsa consciência, as chamadas ideologias.

No segundo capítulo, é feito um estudo mais detalhado de como as esquerdas, animadas com a rápida ascensão de João Goulart no início dos anos 60 começaram a desencadear movimentos sociais populares. Camponeses, trabalhadores urbanos, do setor público e de empresas estatais, além de estudantes desejavam melhores condições de trabalho e mais participação na política nacional. Os movimentos sociais clamavam pelas chamadas reformas de base. Lutavam por reforma agrária, reforma urbana, bancária, financeira, universitária e educacional e serviram para motivar ainda mais as lideranças trabalhistas da época, que surgiam com propostas baseadas nos anseios da sociedade

O terceiro capítulo é dedicado especialmente para mostrar a forma com que o trabalhismo se desenvolveu dentro do meio ferroviário. A participação do ex-governador do estado Leonel Brizola junto à categoria de Santa Maria, a militância do PTB dentro da classe sindical, a participação de ferroviários junto aos Grupo dos Onze e no Movimento Nacionalista criados por Brizola para difundir as idéias das reformas de base não eram vistas com bons olhos pelos militares da cidade. Era o começo do rompimento político.

O quarto capítulo é exclusivamente dedicado à chegada de Lauda e Adelmo ao poder. A vitória da dupla trabalhista sobre uma aliança formada por sete partidos da situação, a festa da população e o hasteamento da bandeira trabalhista em frente ao prédio da prefeitura é alguns dos acontecimentos recordados neste capítulo por meio de depoimento dos próprios políticos da época e de reportagens de jornais. A construção da bancada trabalhista na Câmara de Vereadores também é analisada neste capítulo.

O quinto capítulo faz uma referência à chegada do golpe militar na madrugada do dia 31 de março de 1964. Lauda, afastado da prefeitura devido aos problemas de saúde da sua esposa, não estava na cidade no dia do acontecimento. Coube a Adelmo saber por meio do rádio da imposição do regime. Na seqüência, o último capítulo fala da deposição de Lauda e Adelmo do poder, a cassação dos direitos políticos dos dois principais líderes do antigo trabalhismo que Santa Maria já teve. Políticos que tiveram suas trajetórias políticas interrompidas de forma autoritária e que jamais voltariam a exercer cargos eletivos. Era o fim de um sonho trabalhista constituído nos moldes tradicionais do partido.

1 A INTERVENÇÃO DOS ÍDOLOS POLÍTICOS NA SOCIEDADE

Construir uma sociedade onde as diferenças sociais fossem banidas, onde os trabalhadores tivessem deveres, mas também direitos adquiridos e não fossem considerados apenas como mão-de-obra necessária para o acúmulo de capital nas mãos de poucos, é um sonho que alimenta a sociedade mundial desde meados do século XVIII e XIX. A motivação para tais mudanças surgia e surge ainda dentro das próprias categorias em questão, geralmente motivadas por determinados líderes que dependendo da força de mobilização que possuem, crescem e passam a ser referência para tais classes.

São os atores sociais políticos que, com o decorrer da suas atuações junto às categorias a que pertencem, tornam-se líderes políticos carismáticos, com características populistas. Na França, por volta de 1839, os revolucionários já eram vistos como pessoas que tratavam dos seus interesses distintamente dos homens de propriedade. Para os franceses daquele período, pessoas de todos os estratos sociais podiam ser revoltosas, mas apenas as que pertenciam às classes trabalhadoras é que eram imaginadas como tais e, portanto, perigosas. Motivos não faltavam, especialmente pela força mobilizadora que detinham junto à comunidade em que estavam inseridas. Acreditar que a sociedade precisa de mudanças e propor tais transformações é uma das características das lideranças que defendem as alterações como força de diminuir as diferenças sociais. É deles que partem as lutas por conquistas sociais e até mesmo a dominação por outro grupo que não seja o dos detentores de capital. A constatação de que o indivíduo autônomo estava em extinção e que precisava ser recuperado, ou, como disse o sociólogo Octávio Ianni “sujeito à demagogia e ao carisma, suspeita, carente do mando do Estado militarizado”¹, pode ser a chave do entendimento de todo o estudo crítico. Neste caso, a análise de como a busca por mudanças resultou no colapso da política populista no Brasil no começo de 1964. Um colapso que resultou no nascimento do Regime Militar que perdurou por 21 anos no território nacional.

O medo desse poder da personalidade, exercido especialmente pelos políticos com características populistas dominou o pensamento de Max Weber, que foi o primeiro sociólogo a isolar o termo carisma e analisar suas origens sociais. Já para Sigmund Freud², os líderes carismáticos devem sempre estar presentes na

¹ IANNI, Octavio. *Pensamento Social no Brasil*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 136.

² FREUD *apud* SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 334.

sociedade, pois sem eles as massas estarão sempre prontas para mergulhar a sociedade no caos. O político carismático, geralmente de origens humildes, faz sua carreira incitando o público com ataques contra o sistema, contra o poder estabelecido, contra a velha ordem.

Não o faz enquanto ideólogo, apesar de que, em alguma de suas aparições na América, ele tenha demonstrado sinais de simpatia populista. Esse tipo de político não representa um comprometimento com a nova ordem, mas sim um puro ressentimento contra a ordem existente. Sob vários aspectos, segundo Ianni³, os avanços do processo democrático brasileiro estão ligados ao populismo de determinados líderes. Em especial, Getúlio Vargas, um dos políticos brasileiros que mais soube fazer uso das práticas populista.

O populismo dominou boa parte da vida política brasileira entre os anos de 1945-64. Foi em ligação com o populismo que se desenvolveram as conquistas políticas desses anos no país. Ao longo desses anos que antecedeu o Regime Militar, cresceu a participação de operários, camponeses, empregados, funcionários e outras categorias de assalariados no processo político. Todos, insuflados pelo próprio Vargas, criador do PTB, uma sigla que nasceu voltada para os trabalhadores, com a participação desses, especialmente no que diz respeito à chegada de Vargas ao poder e, posteriormente, a continuidade dos ideais trabalhistas no governo de João Goulart, no início dos anos 60.

A constatação de que a sociedade em questão enferma e que só poderia ser curadas por meio de uma transformação, como queriam os movimentos sociais que insuflavam João Goulart em busca das tão sonhadas reformas de base, se assemelha as teoria.

De base marxista, a escola aponta a tecnologia como uma das enfermidades da atualidade (trabalho alienado, homem alienado, sociedade e mundo alienado). Para os pensadores da escola frankfurtiana, Max Horkheimer e Theodor Adorno⁴: “O preço das grandes invenções é a ruína progressiva da cultura teórica”.

Para o filósofo e pensador alemão Karl Marx (1818- 1883), o conceito de alienação estava diretamente relacionado com sistema capitalista da atualidade, a massa populacional corroída pelo pensamento da reduzida elite dominante. A alienação do trabalho, apesar de existir por meio de toda a história social e política,

³ IANNI, Octavio, op. cit., p. 274.

⁴ ADORNO, Theodor; HORKEHEIRER, Max. *A dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. p. 54.

atingiu seu auge na sociedade capitalista, sendo a classe trabalhadora a mais alienada de todas já existentes na humanidade. Para Marx, a história do gênero humano é uma história do crescente desenvolvimento do homem e conseqüentemente, da sua crescente alienação.

Neste contexto, a alienação ou alheamento significa que o homem não se vivencia como agente ativo do seu controle sobre o mundo, mas que o mundo permanece alheio e estranho a ele. Alienar-se seria vivenciar o mundo e a si mesmo passivamente, sem criticar as ações que lhe são impostas⁵. Exatamente o sonho dos militares que instituíram o golpe em 1964. Mas também, a base teórica para boa parte dos movimentos revolucionários que surgiram ou que se fortaleceram no Brasil a partir do começo dos anos 60.

Foi com base nas teorias marxistas que surgiram a maioria dos movimentos sociais que antecederam o regime militar brasileiro. Eram dentro dos movimentos que cresciam os atores sociais responsáveis pela busca de mudanças. Pessoas carismáticas e diretamente envolvidas com as categorias sociais, mas que, para Richard Sennett⁶, não deixavam de ser enganosamente figuras simples, na medida em que dominavam uma multidão de espectadores silenciosos. A personalidade pública domina de fato os espectadores silenciosos, que precisavam ver no ator público certos traços de sua personalidade, quer ele a possuísse, quer ele não. Fantasiosamente, segundo Sennett, a população investia nos atores políticos aquilo que na realidade poderia lhe faltar.

No que diz respeito à história política brasileira, a própria política de massas foi a vida e a morte do modelo getuliano de desenvolvimento econômico, segundo Ianni. A combinação dos interesses econômicos e políticos do proletariado, classe média e burguesia industrial é um elemento importante do período getuliano. Foi com base no nacionalismo desenvolvimentista, como núcleo de ideológico da política de massas, em que se envolvem civis e militares, liberais e esquerdistas, assalariados e estudantes universitários, que Getúlio Vargas baseou sua política, segundo o sociólogo.

Portanto, graças à política de massas, foi possível efetivar determinadas etapas do desenvolvimento industrial. Por meio das técnicas jurídicas e políticas inerentes ao populismo, manteve-se em nível adequado ao

⁵ BOUDON, Raymond. *A ideologia e a origem das idéias recebidas*. São Paulo: Ática, 1989. p. 26.

⁶ SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 243-270.

progresso industrial a relação entre custo de vida e salarial real. Em suma, a política de massas funcionou como uma técnica de organização, controle e utilização da força política das classes assalariadas, particularmente o proletariado.⁷

Sem sombra de dúvida, o desenvolvimento e o colapso do populismo no Brasil nos anos de 1945–1964 ajudou na construção da sociedade atual. Não fosse os ideais populistas e a força de manipulação exercida por Vargas desde meados da década de 40 sob a classe trabalhadora, os movimentos sociais não teriam surgido e ganhado força a ponto de pressionar o sucessor de Vargas, João Goulart, a implementar as reformas de base. Reformas que acabaram não acontecendo e resultaram no fim da democracia na época.

Foram as lutas de trabalhadores, inspirados em uma espécie de líder a qual se transformou Vargas antes e posteriormente a sua morte, que motivaram os trabalhadores a buscar no PTB a chance de melhorias sociais. Mas, ao contrário do que aconteceu nos anos 40, logo após a criação do PTB, no começo dos anos 60 faltava ao povo brasileiro a figura presente do político populista de Getúlio Vargas. Sem ninguém que assumisse o papel de liderança carismática, as lideranças populares decidiram buscar por si só as mudanças e pressionar o governo pelas reformas. Faltou o apoio de um real líder carismático, como falava Sigmund Freud. Sem Vargas e sem outro nome de força, as massas mergulharam a sociedade no caos. O Regime Militar era o colapso de tudo que havia sido almejado e não conquistado. Era o começo de um novo regime e o fim do populismo no país.

⁷ IANNI, Octávio. *O colapso do Populismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994. p. 59.

2 O PTB DE GETÚLIO VARGAS A JOÃO GOULART

O tiro que pôs fim a vida do ex-presidente da República, Getúlio Vargas, no dia 25 de agosto de 1954, marcou bem mais que o fim de um governo. Era o começo de uma nova fase da política brasileira, no qual os ideais trabalhistas defendidos por Vargas e todos os seus seguidores entrariam em crise, sem a presença de um grande líder assim como sua sigla, (PTB). A partir daquele dia, faltaria menos de dez anos para a implementação do Regime Militar, a extinção do PTB nos modelos tradicionais criados na década de 40 e a repressão dos seus ideais e daqueles que os defendiam.

Estreitamente vinculado ao trabalhador, o PTB foi gerado dentro do Ministério do Trabalho, em pleno processo de transformação do Estado Novo, comandado por Getúlio Vargas no final da década de 40. A fundação data de 1945, a partir de um rompimento do Partido Social Democrata (PSD), o qual o presidente da República Getúlio Vargas pertencia. O PTB surge com o apoio de trabalhadores e voltado aos interesses da classe trabalhadora, mas não com a participação direta dessa no desenvolvimento do governo.

O PTB foi semeado e cresceu entre os sindicatos. Em Santa Maria, o cenário foi o Sindicato dos Ferroviários, mais forte categoria de trabalhadores da época. As raízes trabalhistas, fortificadas pelos movimentos sindicais, eram nutridas pela esperança dos trabalhadores na implementação das reformas sociais de base, especialmente no período de 1963 a 1964, que representariam o auge das conquistas dos trabalhadores junto ao Estado. Segundo a historiadora Lucília Neves de Almeida⁸, o PTB buscava um projeto de nação comprometido com o desenvolvimento social do país:

Esperança, reformismo, distributivismo e nacionalismo eram elementos integrantes da utopia desenvolvimentista que se constituiu como signo daquela época. Portanto, a conjuntura delimitada pelos anos 40 e início dos anos 60 foi caracterizada pela crença de expressivos segmentos da sociedade civil brasileira, de que a modernidade só seria alcançada se apoiada em um programa governamental sustentado pela industrialização, por políticas sociais distributivistas e por efetiva defesa do patrimônio econômico e cultura do país.

Para Lucília, o trabalhismo adquiriu importância real naqueles anos, pois

⁸ NEVES, Lucília de Almeida. In. FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história*. Debate e Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 172.

suas proposições encontraram respaldo não somente no seio do PTB como também em outros segmentos sociais. Foi essa uma das molas propulsoras do crescimento do PTB junto à sociedade civil, especialmente entre as décadas de 50 e 60. Era o trabalhismo se constituindo em uma doutrina que apresentava um projeto de cidadania específico, no qual se mesclavam elementos da social democracia e do assistencialismo estatal.

Na sua base, o PTB surgiu como um partido voltado para as reivindicações mais imediatas dos trabalhadores. A busca de direitos trabalhistas (13º salário, férias, previdência social), bem como de uma reforma agrária com a extinção do latifúndio estavam na base de formação do partido. Foi uma sigla que nasceu voltada para os trabalhadores, com sua estrutura basicamente formada por tal classe. Apesar de a proposta base ser especificamente para os trabalhadores, o PTB não nasceu homogêneo. Diferentes grupos compunham a base trabalhista na sua origem. Três deles marcaram a criação do partido: os *Getulistas Pragmáticos*, os *Doutrinários Trabalhistas* e os *Pragmáticos Reformistas*.

Não à toa, a tendência dos *Getulistas Pragmáticos* foi considerada o principal grupo político estruturado dentro do PTB. Seus seguidores, entre eles Leonel Brizola, tinham como objetivos cultivar o carisma de Vargas e lutar pela manutenção da legislação brasileira implantada durante o início dos anos 40. Eram inspirados, segundo Lucília Neves, no trabalhismo inglês, que defendia a idéia do trabalhismo como uma alternativa ao comunismo e ao socialismo. Tinham a idéia de organizar um partido não dos trabalhadores, mas para os trabalhadores. Foi a tendência base para a criação do Ministério do Trabalho, que no governo de Vargas buscava por meio de suas ações a base institucional para a construção partidária. Porém, havia uma contradição. Os *Getulistas Pragmáticos* apostavam na participação do trabalhador, mas não queriam o conflito social, com uma espécie de papel direitista do Estado, segundo Neves.⁹

A perspectiva dos petebistas/getulistas pragmáticos era de que o desenvolvimento econômico e os projetos nacionalistas deveriam, a princípio, ser dirigidos pelo Estado, que contraria com o apoio dos trabalhadores, esses simultaneamente devendo, se constituir como sujeitos legitimadores das políticas governamentais.

A segunda tendência criada dentro da raiz petebista foi a dos *Doutrinários*

⁹ NEVES, Lucília de Almeida. In. FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história*. Debate e Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 181.

Trabalhistas, que tinha a participação do gaúcho Alberto Pasqualini na sua construção. Pasqualini foi o responsável por organizar o PTB em forma de doutrina social. A tendência tinha em seus quadros profissionais liberais e intelectuais, com idéias mais próximas da social-democracia e mais distante dos ideais comunistas. Nos primeiros anos de fundação do PTB, Pasqualini se destacou como um dos principais opositores do getulismo que se instituía dentro do partido. Outro gaúcho de forte peso dentro da tendência foi Fernando Ferrari, político nascido em São Pedro do Sul e de forte influência na política nacional.

Os *Doutrinários Trabalhistas* lutavam por uma reforma agrária profunda, mas queriam a manutenção da propriedade privada e do capitalismo, buscando um fundamento social que englobasse ambos. Combatiam o capital estrangeiro, mas somente quando esse trouxesse malefícios para a sociedade. Pasqualini defendia o investimento público na educação, o incentivo ao cooperativismo, financiamento de obras e serviços de assistência social, entre outros.

A terceira corrente do PTB foi a dos *Pragmáticos Reformistas* e tinha como seu maior líder o ex-presidente João Goulart. O começo da tendência é marcado pela entrada de Goulart no Ministério do Trabalho, durante o governo Vargas. Foi ele quem, ainda na década de 40, começou a apoiar os sindicatos. Surgia a idéia de salários mais justos, de preocupações com a justiça e com a solidariedade social, a luta pela implementação da reforma bancária e agrária, entre outras bandeiras do seu programa de governo que assustaram parte da sociedade, servindo de justificativa para o golpe militar.

Diante das três correntes, a escritora Lucilia Neves de Almeida¹⁰, diz que o objetivo inicial da sigla era dar sustentação para que o getulismo – como foram batizadas as idéias defendidas por Vargas – pudesse se viabilizar como força política no cenário nacional. Para que funcionasse como catalisador das reivindicações dos trabalhadores, o PTB precisava fazer dos sindicatos seu local privilegiado e de sua mais forte atuação, assim como precisava contar com a participação ativa dos líderes trabalhistas.

O processo da luta dos trabalhadores por melhores condições de vida e trabalho e a própria atuação do PTB era uma mostra da atuação que as idéias marxistas junto as massas populares no Brasil dos anos 50/60. Os movimentos

¹⁰ NEVES, Lucilia de Almeida. *PTB: do Getulismo ao Reformismo*. São Paulo: Marco Zero, 1989. p. 43.

sociais, neste caso os trabalhadores refletem, segundo Maria da Glória Gohn¹¹ os processos de lutas sociais voltadas para a transformação das condições existentes, em busca de soluções para os problemas de carências econômicas e/ou opressão sociopolítico e cultural.

Segundo Maria Gohn, é o paradigma marxista clássico, ligado a corrente do jovem Marx e de seus estudos sobre a consciência, a alienação e a ideologia, que alimenta as análises contemporâneas sobre os movimentos sociais. A outra corrente, segundo a autora, decorre dos trabalhos de Marx após 1850 e está diretamente relacionando aos desenvolvimento do capital, privilegiando os fatores econômicos. Começava a partir de então o estudo sobre as divergências entre os trabalhadores e a classe empregadora. Discussões refletidas na busca por mudanças na estrutura política do Estado.

O conflito entre capital e trabalho gera a luta de classes, principal motor da história. A classe operária industrial tem primazia no processo da luta social, e o movimento operário desempenha o papel de vanguarda nas transformações sociais.

Na visão de Maria Gohn, seria o conflito entre capital e trabalho, juntamente com a interferência de partidos políticos e com intelectuais participantes da classe operária, que teriam a missão histórica de transformar a sociedade das desigualdades sociais em outra, sem opressão nem oprimidos. Os trabalhadores da Era Vargas buscavam uma sociedade onde a classe operária não fosse apenas mão-de-obra para ajudar no acúmulo de renda dos empregadores, mas tivessem seus direitos adquiridos e conseguissem, por meio de seu próprio trabalho, melhores condições de vida. Se o PTB era o maior partido da época e defendia melhorias para os trabalhadores, era de se esperar que a sua base fosse sustentada pelos próprios trabalhadores. Foi defendendo as idéias trabalhistas que o PTB e Vargas ganharam a simpatia popular.

Entretanto, Adolfo João de Paula Couto, afirma que o caráter populista de Vargas no momento de sua não o acompanhou durante toda a sua vida¹². O autor destaca a posição direitista de Vargas, inclusive de apoio ao governo nazista de

¹¹ GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais. Paradigmas Clássicos e Contemporâneos*. São Paulo: Editora Loyola, 1997. p. 172.

¹² COUTO, Adolfo João de Paula. *Revolução de 1964. A versão e o fato*. Porto Alegre: Gente do Livro. 1999

Adolf Hitler na Alemanha na década de 40.¹²

Posteriormente, Couto afirma que o ex-presidente tomou características populistas, ganhando, inclusive, a simpatia dos partidos comunistas. Uma prova teria sido a legalização do Partido Comunista do Brasil (PCB), que aconteceu em 1945 pelas mãos do próprio Vargas. Para Couto, ficava confirmado que o PTB foi influenciado pelas tendências marxistas fortemente desenvolvidas dentro do PCB.

Os comunistas, baseados nas idéias criadas por Vladimir Lenin e Karl Marx estavam preocupados com a transformação da realidade social, tendo como eixo central a luta dos trabalhadores. Para Lenin, era necessário as vanguardas políticas atuarem junto às massas no sentido de ajudá-las no desenvolvimento de uma consciência social revolucionária.¹³ As idéias de Lenin ajudaram a semear os sonhos desenvolvidos pelos sindicatos trabalhistas brasileiros entre os anos 50 e 60. Com o apoio dos partidos políticos, em especial do PTB, a massa trabalhadora ganhou mais consciência e orientações na busca pelas reformas de base (reformas bancária, política, econômica), mesmo que essas tivessem de ser feitas de forma revolucionária, por meio da força.

Com a morte de Getúlio Vargas, em 1954, a luta pelo poder tornou-se mais delicada e as idéias trabalhistas ganharam força no Movimento Nacionalista, criado pelo ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola ainda na década de 50 e, mais tarde, reforçado pelo governo de João Goulart, também criado no mesmo meio trabalhista de Vargas e Brizola. O Movimento Nacionalista vinha como uma forma de defesa ao patrimônio nacional, em especial, ao combate à abertura ao capital estrangeiro. Brizola foi um dos fundadores do PTB no Brasil e fundador da sigla no estado.

O movimento comandado por Brizola era uma reação direta à política que estava sendo desenvolvida pelo ex-presidente Juscelino Kubitschek (JK). Café Filho assumiu o governo logo após a morte de Vargas. Juscelino veio na seqüência e, apesar da instabilidade do governo, foi o primeiro presidente que conseguiu mostrar um programa de governo completo, com objetivos e cronogramas estabelecidos. Com seu "Plano de Metas", Juscelino prometia que em cinco anos de governo, o Brasil ganharia 50 anos de desenvolvimento (50 anos em 5). A economia foi

¹² COUTO, Adolfo João de Paula. *Revolução de 1964. A versão e o fato*. Porto Alegre: Gente do Livro, 1999. p. 32.

¹³ REED, John. *Os 100 dias que abalaram o mundo. O mais célebre relato da Revolução Russa*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002. p. 103.

internacionalizada, privilegiando o capital estrangeiro e multinacionais, consolidando o capitalismo dependente, com destaque para energia (hidroelétricas) e transporte (indústria automobilística), o que decepcionou a corrente mais nacionalista do PTB que o apoiava. Começava a se fortalecer a decepção da classe trabalhadora que se unia com mais força em busca dos seus ideais de mudanças econômicas e conquistas sociais.

A era de Juscelino encerrou no começo da década de 60. Logo depois, vieram novas eleições diretas e, em 25 de agosto de 61, após sete meses no comando do governo, Jânio Quadros renunciou à Presidência. As lideranças militares do país, em especial os ministros militares nomeados pelo próprio Quadros, eram contra a posse do vice-presidente João Goulart (Jango) – ex-ministro do Trabalho de Vargas - no lugar de Jânio Quadros. No dia em que Quadros renunciou, Jango estava na China Popular em uma visita oficial. Gentileza que reforçou a tese de uma tentativa de golpe militar. Jango era acusado pelos mais conservadores de vínculos com o sistema comunista internacional. A antiga proximidade de Goulart com Vargas passou a ser considerado um problema aos olhos militares.

Com o objetivo de impedir o que foi a primeira tentativa de golpe militar, Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul, desencadeou o movimento chamado Rede da Legalidade, em apoio a Jango. A rede foi vitoriosa. Entretanto, temendo enfrentamentos, Jango teria aceitado negociar sua posse no governo, ocorrida em 7 de setembro de 1961.¹⁴ Daniel Aarão Reis Filho complementa: “Mas assumiu a presidência com os poderes castrados por uma emenda parlamentarista votada poucos dias antes, a toque de caixa e de clarins, pelo Congresso Nacional

A emenda parlamentarista a que se refere Reis foi o caminho encontrado pelos militares para reduzir os poderes de Jango e, especialmente, dos trabalhistas. A instituição do parlamentarismo foi garantida por meio do Ato Institucional de 3 de setembro de 1961 e deu o cargo de primeiro ministro a Tancredo Neves. Após a posse de Jango, começaram as tentativas por um plebiscito para voltar ao presidencialismo. Em suas memórias, o general Olympo Mourão Filho, que comandou a Terceira Divisão do Exército de Santa Maria, fala que a idéia do plebiscito já estava feita.¹⁵ O plebiscito aconteceu em dezembro de 1962, dando

¹⁴ REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe militar e a ditadura 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: Edusc, 2004. p. 32.

¹⁵ FILHO OLYMPO *apud* COUTO, Adolfo João de Paula. *Revolução de 1964. A versão e o fato*. Porto Alegre: Gente do Livro, 1999. p. 50-90.

vitória ao presidencialismo e aumentando os poderes de Jango. O Brasil começava, a partir de então, a trilhar o caminho que levaria os militares ao poder em 1964.

A proximidade de Goulart com os comunistas sempre foi evidente. Para completar, PTB e PCB (já como Partido Comunista Brasileiro) se aproximaram fortemente no domínio da atividade sindical. O predomínio da corrente do trabalhismo na classe operária e a prática de alianças políticas dos comunistas com essas correntes determinaram a existência de um movimento operário sindical fortemente atuante na vida política geral da nação a partir dos anos 60. Era a tentativa de implementação de um governo sindicalista e socialista que começava a assustar as camadas mais conservadoras da sociedade e que fica claro no discurso de Mourão Filho, em seu livro de memórias.

“Como um exemplo, uma mostra do quadro subversivo vigente, ocorrido na antevéspera do Movimento de 64, realizou-se em Recife um Congresso dos Ferroviários, durante o qual foi cantada a Internacional, hino comunista”.¹⁶

A pressão comunista e a defesa dos seus ideais começaram a se transformar em uma ameaça para as camadas mais à elite, especialmente pelo temor que o Brasil, maior país da América Latina, pudesse seguir a trajetória de Cuba. A ilha da América Central tinha ingressado no sistema socialista por meio da revolução comandada por Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara, vitoriosa em 1959.¹⁷ A partir daquele momento, ampliaram-se pela América os ideais socialistas e o sonho da implementação dessa política.

No Brasil, as esquerdas, animadas com a rápida ascensão de Jango depois do plebiscito, começaram a desencadear movimentos sociais populares. Camponeses, trabalhadores urbanos, do setor público e de empresas estatais, além de estudantes desejavam melhores condições de trabalho e mais participação na política nacional. Os movimentos sociais clamavam pelas chamadas reformas de base. Lutavam por reforma agrária (nos moldes de Cuba), reforma urbana, bancária, financeira, universitária e educacional. Queriam a reforma de políticas públicas, em especial dos capitais estrangeiros.

João Goulart, que tinha tido seu berço político ao lado de Getúlio Vargas, acatava as reivindicações dos movimentos sociais e vestia a camisa na luta pelas

¹⁶ FILHO OLYMPO *apud* COUTO, Adolfo João de Paula. *Revolução de 1964. A versão e o fato*. Porto Alegre: Gente do Livro, 1999. p. 72.

¹⁷ CASTAÑEDA, Jorge. *Che Guevara. A Vida em Vermelho*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 100-340.

reformas de base. Era um momento de descontentamento e mobilizações por todo o país. Para Jango, as reformas seriam a única chance de transformar o Brasil e melhorar a vida da população. Daniel Aarão Reis, diz que as classes dominantes não pareciam sensíveis às demandas populares.¹⁸ Em contrapartida, os movimentos sociais radicalizavam-se cada vez mais, assumindo, em alguns casos características comunistas revolucionárias.

No início do ano seguinte (1963), já se podia falar num movimento reformista revolucionário, principalmente se consideradas as alas mais radicais do Partido Trabalhista Brasileiro/PTB, do PCB/Partido Comunista Brasileiro, da Frente Parlamentar Nacionalista e da Frente de Mobilização Popular, mini-parlamento alternativo construído pelas forças populares mais decididas.

Daniel Aarão Reis Filho afirma que, nos primeiros meses de 1964, configura-se uma clara ofensiva política reformista-revolucionária. Era um reflexo das dificuldades das reformas, e começava-se a desenhar o caminho da ilegalidade para a conquista das mesmas. Idéia que ganhou mais força após as eleições para o Congresso e o Senado em 1962, quando o PTB começou a perder representatividade. Ficava a cada dia mais difícil de as esquerdas conquistarem seu espaço no poder e mais evidente a construção de uma revolução armada.

As Forças Armadas começaram a questionar com mais força o rumo dos acontecimentos quando foram incorporadas às reformas de base. Começavam a ser ameaçadas as hierarquias dos militares, o que os colocou em posição contrária a de Jango e dos movimentos que queriam as reformas. Ao contrário do que aconteceu em 1961, quando parte dos militares apoiaram o Movimento da Legalidade comandado por Leonel Brizola e que garantiu a Jango a presidência, em 1963 e 1964 os militares, apareciam em posição de defensiva, justificando o golpe como último recurso para salvar a democracia.

¹⁸ REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe militar e a ditadura 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004. p. 36.

3 SEMENTE REGADA PELOS FERROVIÁRIOS

A semente do PTB teve um peso importante na mala carregada pessoalmente pelo ex-governador do estado Leonel de Moura Brizola nas suas vindas a Santa Maria, especialmente, a partir do final dos anos 40. Foi o próprio petebista quem plantou as primeiras idéias trabalhistas no território de mais fértil mobilização política da cidade durante aquele período: os ferroviários. A ligação de Brizola com a categoria ferroviária de Santa Maria começou ainda antes da fundação do PTB no estado, feita pelo punho forte do próprio Brizola, em meados de 1945.

Na sua base de formação, o PTB sempre teve a preocupação de trabalhar pela educação, pelo socialismo reformista e pelo combate às desigualdades sociais. Ser trabalhista, como afirma o historiador Jorge Ferreira, era acreditar e semear o nacionalismo na fonte, acreditar na soberania nacional, nas reformas das estruturas sócios-econômicas do país, na ampliação dos direitos dos trabalhadores do campo e da cidade, entre outras demandas materiais simbólicas que eram necessárias para alcançar o desenvolvimento do país e o bem-estar da sociedade.¹⁹

A luta pelo nacionalismo e por melhores condições sócio-econômicas do Brasil foi de fato o maior incentivador do desenvolvimento do PTB junto ao meio ferroviário em Santa Maria. Especialmente, entre suas lideranças locais. A presença da figura de Leonel Brizola teve suma importância para o crescimento das idéias petebistas junto aos ferroviários locais. Em entrevista ao jornal *Diário de Santa Maria*²⁰, três dias depois da morte de Brizola, em 20 de junho de 2004, o ferroviário aposentado Valter Telmo Gonçalves recordou a atuação do caudilho junto aos ferroviários da cidade na década de 50:

O Brizola representou muito na vida dos ferroviários. Teve uma vez, nos anos 50, que ele esteve na cidade para contornar uma greve dos ferroviários. Chegou um momento que ele disse que o Estado não tinha máquina de fazer dinheiro e que a única solução era passar a rede para o governo federal. Se hoje estamos numa situação boa, é por causa do Brizola.

A ressonância encontrada pelas idéias do PTB, não somente no partido, mas também no meio sindical foi o ponto forte para o crescimento do trabalhismo,

¹⁹ NEVES, Lucilia de Almeida. In. FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história*. Debate e Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 172-180.

²⁰ Jornal "Diário de Santa Maria". 23 de junho de 2004, p. 12.

segundo afirma a historiadora Lucília de Almeida Neves.²¹ Para Neves, o projeto nacionalista apresentado pelo PTB alimentou as esperanças da população em busca de um futuro com menos desigualdades sociais. Os programas governamentais eram uma grande esperança.

(...) Suas propostas, além de penetrarem em instituições políticas parlamentares, como Senado, Câmara de Deputados, Assembléias Legislativas e Câmara de Vereadores, também encontraram eco em programas governamentais executados pelo Executivo. Mas o que contribuiu para torná-lo mais forte e difundido foi sua penetração junto a segmentos da sociedade civil, que, especialmente nas décadas de 50 e princípios da de 60, empenharam-se para que o Estado brasileiro adotasse, de forma definitiva, um programa de reformas sociais e econômicas.

A proximidade de Brizola com os ferroviários santa-marienses seguia os passos que já haviam sido trilhados pelo ex-presidente da República, Getúlio Vargas, companheiro político de Brizola. Na campanha que disputou para a Presidência da República, em 1950, Vargas esteve em Santa Maria para alegria dos sindicalistas trabalhistas, que acompanharam o discurso inflamado do então candidato em defesa do trabalhismo, feito na sacada do antigo Hotel Jantzen. Na sua última passagem por Santa Maria antes do suicídio, ocorrido no dia 24 de agosto de 1954, no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, Vargas não chegou à cidade de trem, mas a proximidade com os ferroviários é guardada até hoje pelos antigos sindicalistas. A foto da visita que fez a Santa Maria, em 1930, é uma lembrança mantida sob os cuidados do sindicato da categoria. Naquele ano, Vargas fez o trajeto até a cidade sob o balanço da locomotiva e foi recebido com festa pela multidão que lotou a Gare da Viação Férrea de Santa Maria para ouvir seu discurso.

A partir da década de 60, o triângulo Vargas-Brizola-Ferrovários formado em Santa Maria começou a contar com a participação mais intensa das lideranças políticas locais. Especialmente, dos nomes que começavam a ganhar a expressão política necessária para a conquista do poder do Executivo local. Começava-se a desenhar o perigo visualizado pelos militares da época. Os então candidatos do PTB à prefeitura nas eleições de novembro de 1963, o médico Paulo Lauda e o professor Adelmo Simas Genro, tinham forte ligação com os ferroviários. A defesa das idéias trabalhistas, do nacionalismo e das reformas de base os aproximavam dos

²¹ NEVES, Lucília de Almeida. In. FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história*. Debate e Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 173.

trabalhadores de fato.

O coronel da reserva Alexandre Máximo Amêndola, lembra bem que a aproximação dos representantes do Executivo com os ferroviários não era bem vista pelo comandante da guarnição militar de Santa Maria na época, o general Mário de Figueiredo.²² Motivos para a desconfiança dos militares com os trabalhistas da época não faltavam.

Um deles era a atuação dos representantes do governo recém eleito em 1963 no Movimento Nacionalista, criado por Brizola ainda na década de 50 e que tinha como objetivos a nacionalização do petróleo e a contrariedade da entrada de capital estrangeiro no país. O então vice-prefeito eleito, Adelmo Simas Genro, explica como foi a atuação dos representantes do Executivo no grupo.

O que era discutido nas reuniões do movimento eram as teses políticas. A eleição dos primeiros candidatos mais de esquerda, quais seriam nossas atividades para atingir nossos objetivos políticos. Nós zelávamos muito pelo trabalhador (...) Recebemos o apoio e a solidariedade política dos órgãos maiores do PTB, porque éramos da corrente política do Jango (João Goulart) e porque fizemos uma conclamação ao povo de Santa Maria para ajudar.²³

Vencedores de um pleito que proporcionou a Santa Maria conhecer seu mais meteórico governo de esquerda até então, Adelmo recordou que a equipe de governo atuava diretamente nas reuniões junto aos ferroviários. Os encontros, segundo ele, aconteciam na sede da associação da categoria, na época instalada no prédio do antigo Instituto Hugo Taylor, na avenida Rio Branco. As discussões, de acordo com o vice-prefeito eleito, eram as doutrinas pregadas pelo Movimento Nacionalista criado por Brizola e reforçado pelo governo de João Goulart, principalmente com a tentativa de implementação das reformas de base. O presidente defendia três tipos de reformas: a agrária, com a desapropriação de latifúndios para a acomodação de famílias sem terra; a urbana, que controlaria o valor dos aluguéis e ajudaria os inquilinos a comprar a casa própria; e a política, que daria direito a voto para analfabetos, sargentos e patentes inferiores das Forças Armadas.

Em Santa Maria, o comando do Movimento Nacionalista era exercido pelo então prefeito eleito Paulo Lauda, segundo conta Adelmo. A secretaria-geral do

²² AMÊNDOLA, Alexandre Máximo. Entrevista concedida no dia 13 de junho de 2003.

²³ GENRO, Adelmo Simas. Entrevista concedida no dia 14 de junho de 2003.

grupo estava sob o comando do secretário de Comunicação da prefeitura, José Bicca Larré. Foi por meio do Movimento Nacionalista que os comandantes do Executivo chegaram a um outro grupo combatido pelos militares e também criado por Brizola, em 1963: O Grupo dos Onze.

Em artigo publicado na Revista Brasileira de História, Jorge Ferreira faz uma rápida explicação sobre o grupo criado pelo líder trabalhista, o qual o autor chamou de “Grupo dos Onze Companheiros” ou “Comandos Nacionalistas”. A proposta, lançada por meio da Rádio Mayrink Vieiga, do Rio de Janeiro, era que o povo se organizasse em grupos de 11 pessoas, como em um time de futebol. O “Grupo dos Onze” seria a maneira de organização das forças populares. “Seriam as força do povo, atuando em conjunto contra os gorilas”, como eram chamados os militares, disse Ferreira.²⁴

O Grupo dos Onze surgia como uma resposta do trabalhista ao crescimento de suas bases de apoio. De acordo com Ferreira, o próprio Leonel Brizola mapeou cerca de vinte quatro mil grupos que se formaram em todo o país. A estratégia era que, com o crescimento e o fortalecimento dos "comandos nacionalistas", pudesse se formar o possível embrião de um partido revolucionário, capaz de implementar as reformas de base tão almeçadas pelos movimentos sociais de tendência marxista que cresciam na época.

A criação do Grupo dos Onze marcou um rompimento de forças. De um lado, o governo de João Goulart lutava pelas reformas que considerava possíveis, e que eram vistas pela direita como tão avançadas que a unificavam e lançavam no golpismo contra-revolucionário. Do outro lado, Brizola utilizava o rádio e percorria o Brasil em pregações, mobilizando o povo para forçar as reformas estruturais. A cidade coração do Rio Grande foi um dos locais visitados pelo líder trabalhista durante este período.

Um dos principais Grupo dos Onze formados em Santa Maria estava sob o comando do comunista Jorge Mottecy, que morreu em 2004. Em entrevista ao jornal *Diário de Santa Maria*²⁵, o advogado lembrou que seus companheiros atuavam em bairros, escola e associações, principalmente a dos ferroviários. Segundo contou Mottecy, as reuniões eram abertas e, geralmente, contavam com a participação de espões militares disfarçados de civis. Foi atuando no Grupo dos Onze que Mottecy,

²⁴ FERREIRA, Jorge. *Revista Brasileira de História*. n. 47, v. 24, 2004.

²⁵ Jornal “Diário de Santa Maria”. 19 de junho de 2003, p. 12.

Lauda e Adelmo se conheceram e passaram a defender os mesmos ideais. Na entrevista ao jornal, Mottecy recordou com mágoa a forma com o qual eram interpretados os grupos: “Os que deram o golpe achavam que os Grupo dos Onze eram perigosos, mas esses grupos não tinham nem canivete. Era apenas conversa. A Revolução de 1964 foi construída sobre mentiras.”²⁶

Assim como Mottecy, Adelmo também afirma que o objetivo do Grupo dos Onze era a discussão política do momento e não a formação de uma revolução armada. Adelmo e Mottecy integravam o mesmo grupo. Dele também faziam parte o prefeito eleito Paulo Lauda e o secretário de Comunicação da prefeitura, José Bicca Larré. Os principais líderes ferroviários de Santa Maria na época, Francisco Lemes, Euclides Gonçalves, Artur Pereira, Baltazar Melo, Augusto Flores, Onofre Ilha, juntamente com o comerciante Evandil Rosa fechavam o principal e mais ativo Grupo dos Onze formado em Santa Maria em 1963. Apenas um movimento romântico, segundo afirmou Adelmo Simas Genro.

O Grupo dos Onze era mais um movimento romântico do que outra coisa. Porque era romântico? Porque se houvesse um movimento armado, uma reação ao conservadorismo do país, o Grupo dos Onze não tinha armas, não tinha local. Era apenas um grupo de onze pessoas. Era mais uma invenção do Brizola.²⁷

Tenha ou não sido uma idéia romântica, os Grupos dos Onzes formados em Santa Maria tiveram influência direta do líder trabalhista. A força sindical ferroviária que se instituía com peso na cidade era um motivador para a dedicação do líder a Santa Maria. Segundo Adelmo, o próprio Brizola chegou a comandar reuniões do Grupo em Santa Maria. Adelmo recordou:

Uma vez, nós fizemos uma reunião na cooperativa, ali onde é o Hugo Taylor e dessa reunião o Brizola participou. Ele fez uma análise do Grupo dos Onze. Ele disse que o grupo era um aliciamento de interessados na manutenção do regime democrático no país e que os militares estavam se preparando para dar o golpe. Depois, dia 31 de março, pá! Nós ficamos quatro meses na prefeitura. Assumimos em janeiro e em maio saiu o Ato Institucional nos cassando.²⁸

A participação dos líderes do Executivo no Grupo dos Onze em que atuavam

²⁶ Jornal “Diário de Santa Maria”. 19 de junho de 2003, p. 12.

²⁷ Idem, 23 de junho de 2004, p. 12.

²⁸ Idem, 19 de junho de 2003, p. 12.

os ferroviários acabou se refletindo diretamente na atuação do governo. Eleitos com uma proposta voltada para o povo, Lauda e Adelmo dedicaram o curto governo às melhorias sociais. Segundo Adelmo, quando eles assumiram a prefeitura o salário dos servidores estava atrasado em quatro meses. Colocar a folha de pagamento em dia foi uma das primeiras ações dos trabalhistas no comando do Executivo.

Outra característica do último governo democrático de Santa Maria antes do Golpe Militar foi a agenda popular. Segundo contou Adelmo, uma vez por semana Lauda fazia audiências públicas para a comunidade, que formava filas em frente à prefeitura para ser atendida pelo prefeito. A proposta de um governo popular não resistiu ao Golpe Militar. Foram apenas quatro meses no poder. Quatro meses que entraram para a história.

4 A CHEGADA DE PAULO LAUDA E ADELMO GENRO AO PODER

Quando a Ditadura Militar foi instituída no Brasil pelos militares, a partir do Golpe da noite do dia 31 de março de 1964, Santa Maria vivia o começo do seu mais recente e mobilizador governo de esquerda. As eleições diretas para a prefeitura, que aconteceram no dia 10 de novembro de 1963, haviam garantido a vitória aos trabalhistas Paulo Lauda e Adelmo Simas Genro ao Executivo.

A edição do Jornal *A Razão*, do dia 12 de novembro, trazia na primeira página o resultado parcial da apuração. Logo nas primeiras vinte urnas abertas pela manhã - sob comando do juiz eleitoral Oscar Gomes Nunes - Lauda já apresentava uma margem de cinquenta votos por urna à frente do segundo colocado, Izidro Gai. Adelmo Genro, em eleição separada para a vice-prefeitura, vencia com larga margem de votos o segundo colocado, Antônio Abelin, que disputou a eleição pela União Popular Santamariense (UPS) - aliança formada pelo Partido Liberal (PL), pelo Partido Social Progressista (PSP), pelo Partido Republicano Progressista (PRP) e pela União Democrática Nacional (UDN).

Seguidores dos ideais políticos pregados pelo então presidente da República, João Goulart, Lauda e Adelmo venceram a primeira eleição municipal que disputaram juntos, como mostrou a edição do *Jornal A Razão* do dia 14 de novembro de 1963. O resultado da apuração deu a vitória a Lauda com 18.517 votos, contra 15.432 votos conquistados pelo segundo colocado, Izidro Gai. O vice-prefeito Adelmo Genro ganhou o cargo com 19.206. O segundo colocado, Antônio Abelin, fez 13.774 votos.

A eleição da dupla trabalhista foi uma mostra da força que os ideais do PTB passaram a exercer sobre a população de Santa Maria naquela época. Quatro anos antes, o PTB havia perdido as eleições para a prefeitura. Em 1963 nem mesmo a forte aliança, formada pelos partidos da situação, foi capaz de combater a vitória trabalhista, que tomou conta das ruas de Santa Maria em uma grande festa que se estendeu da campanha à vitória.

Na tentativa de evitar a chegada do PTB ao poder, Izidro Gai, candidato da situação, uniu em torno do seu nome sete partidos: o Partido Social Democrático (PSD), o Partido Democrata Cristão (PDC), o Movimento Trabalhista Renovador (MTR), o (PRP), (PL), (PSP) e a (UDN). Apesar da locomotiva partidária, o candidato da situação não teve força suficiente para desmotivar a massa popular que apoiava Lauda. O PTB disputou sozinho a eleição, na qual, 35.944 santa-marienses foram às

urnas escolher seu prefeito. Em entrevista ao jornal *A Razão*, o então vice-presidente do PTB da época, Vidal Dânia, afirmou:

É com imenso júbilo e alegria que recebi, como era natural, a vitória estrondosa do PTB. Essa eleição não significa somente a vitória dos dois candidatos. Mas tem mais profundidade. É um passo que se dá para a solução dos anseios do povo pelas reformas de base. Essas idéias, solicitadas pelo eminente presidente João Goulart e pregadas pelo grande líder Leonel de Moura Brizola. Nesta oportunidade, desejo expressar ao povo da minha terra e principalmente aos trabalhistas pelo trabalho e apoio desenvolvido os meus agradecimentos.²⁹

As reformas de base defendidas por João Goulart (agrária, bancária, tributária) e Leonel Brizola, as quais se referiu o presidente em exercício do PTB de Santa Maria durante a reportagem, eram um anseio de parte da população santamariense há mais de dez anos e fizeram parte do programa de governo da dupla vencedora.

Contudo, o PTB só viria a atingir o comando do Executivo alguns meses antes do golpe militar que destituiu João Goulart da presidência da República. Além de chegar à prefeitura, os petebistas também garantiram nas eleições de 1963 a maior bancada na Câmara de Vereadores do município. Na eleição para o Legislativo, o PTB fez 16 vereadores. O mais votado foi Homero Braga, com oitocentos e cinquenta e nove votos. O ferroviário Alexandre Cruz ficou com duzentos e sessenta e nove votos e o também ferroviário Francisco Lemes (ambos integrantes do Grupo dos Onze a que pertenciam os chefes do Executivo) fez trezentos e oitenta e sete votos.

O ex-deputado federal Carlos Renan Kurtz carimbou sua entrada no Legislativo com quinhentos e setenta e três votos. O médico Eduardo Rolim também garantiu sua cadeira após conquistar nas urnas quatrocentos e cinquenta e três votos. A segunda maior bancada ficou com o PSD, com oito cadeiras. (PDC), a União Popular Santamariense (PL/PSP/PRP/UDN) e o MTR elegeram cinco vereadores cada.

Em nível nacional, o PTB também crescia sua representação na política nacional. Segundo Lucília de Almeida Neves, os trabalhistas aumentaram sua representação na Câmara federal e no Senado entre os anos de 1954 e 1964. Efetivamente, segundo a autora, nas eleições parlamentares de 1962, o PTB que

²⁹ Jornal "A Razão". 1º de janeiro de 1964, p. 2.

ocupara o terceiro lugar em número de representantes na Câmara Nacional, ganhou uma colocação ficando em segundo lugar, muito próximo da bancada do PSD. Na análise da autora, neste momento o PTB já não era o mesmo que havia sido criado por Vargas e Brizola na década de 40.³⁰ A adaptação acabou resultando no crescimento da sigla, segundo Neves mesmo explica.

(...) Nesta conjuntura, o peso personalista do varguismo já não tinha o mesmo impacto dos anos 40 e 50 e o PTB deixara de ser quase que exclusivamente um representante do getulismo para se transformar em instrumento defesa parlamentar de projetos nacionalistas e reformistas, inclusive os apresentados por outras legendas partidárias.

A posse do novo governo de Santa Maria foi cercada por grande aclamação popular e se deu no dia 1º de janeiro de 1964. Lauda e Adelmo prestaram juramento na Câmara de Vereadores e se deslocaram a pé até a prefeitura, cercados pela população, segundo mostrou o jornal *A Razão* do dia 1º de janeiro. Segundo a reportagem, o então prefeito Miguel Sevi Vieiro colocou todas as máquinas e viaturas da administração municipal frente à prefeitura, como uma espécie de prestação de contas ao novo governo petebista.

Durante a cerimônia de posse, o prefeito eleito Paulo Lauda recebeu uma chave da cidade oferecida pelos seus companheiros do bairro Itararé, típico reduto da classe ferroviária da cidade e também um dos pontos de maior mobilizando do PTB junto à classe operária. Uma bandeira do PTB foi hasteada no mastro mais alto da prefeitura. Era o começo do mais meteórico governo de Santa Maria. Era a democracia trilhando seus últimos passos na história política da cidade antes da implementação a Ditadura Militar.

³⁰ NEVES, Lucilia de Almeida. In. FERREIRA, Jorge (org.). *O populismo e sua história*. Debate e Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 183.

5 CONSTRUÇÃO DE UM GOLPE QUE CHEGOU NA MADRUGADA

Noite de 31 de março de 1964. Com apenas dois meses de administração petebista, a população de Santa Maria foi dormir sob o temor do que esperaria a partir do dia 1º de abril. A ameaça de um golpe militar era cada dia mais evidente e tomava contornos irremediáveis no país inteiro.

A construção do governo militar, que impORÁ sua força por mais de VINTE anos no Brasil, começou a ser delineada assim que o PTB garantiu o comando do país com a posse de João Goulart, em 1961. Goulart assumiu com a renúncia de Jânio Quadros, apoiado pelo Movimento da Legalidade comandado pelo então governador do Rio Grande do Sul, Leonel de Moura Brizola. Naquele ano, o petebista foi responsável por evitar o que seria a primeira tentativa de implementação de um golpe militar. Para tanto, contou com o apoio dos militares do estado, especialmente de Santa Maria, segundo recorda o coronel da reserva Alexandre Máximo Amêndola, na época, major.

Naquela ocasião, todo o conjunto do povo aqui no Rio Grande se levantou contra o golpe porque nós considerávamos que o Jango, sendo eleito, tinha direito a posse que os militares do Rio de Janeiro queriam negar. Na época, o general Peri Bevilaqua declarou que assegurava a posse do Jango mesmo com a força de armas. O Exército daqui inteiro estava a favor da posse do Jango. Ai quem assumiu a liderança civil foi o Leonel Brizola que era governador do Estado. Enquanto isso as tropas do Rio e São Paulo ficaram a favor dos três ministros militares e eles começaram a descer. E as tropas daqui começaram a subir. Estivemos à beira de uma guerra Mas fique bem claro, o Rio Grande do Sul e Santa Maria, sem uma única dissidência, não aceitou aquele que seria um golpe militar mesmo.³¹

Passada a tentativa do que seria um golpe militar, Goulart tomou posse sob um sistema parlamentarista que deu a Tancredo Neves o cargo de primeiro ministro. Durante o primeiro ano do governo de Goulart, o PTB manteve uma aliança com o PSD, sigla que reunia representantes das oligarquias agrárias, rurais, burguesias industriais, parte da burocracia pública, federal e estaduais. O PSD, por outras vezes, já havia servido de aliado do PTB, partido que tinha base na classe operária e urbana, com força sindicalista. Juntos, segundo Octavio Ianni, os dois partidos formavam a base político-partidária do populismo no Brasil, que contava também com o apoio do PCB.³²

³¹ AMÊNDOLA, Alexandre Máximo. Entrevista concedida no dia 13 de junho de 2003.

³² IANNI, Octavio. *Pensamento Social do Brasil*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 279.

Na oposição, destacava-se a UDN, partido que reunia setores burgueses e liberais da base urbana. A UDN queria a democracia liberal, mas lutava contra o populismo, o que com o passar dos anos acabou se transformando em uma luta anti-democrática e com características golpistas que se concretizaram em 64. O próprio Ianni destaca que, para o PSD, a aliança com o PTB era uma tentativa de controlar o movimento trabalhista que ganhava força com a ascensão de Goulart à presidência e, mais ainda, com a queda do parlamentarismo nas eleições de 1962. Para o PTB, a aliança era importante pois o PSD representava a maior força política e era inimigo da UDN. Os udenistas entravam em choque com os petebistas porque disputavam o mesmo eleitorado urbano. Já com a UDN, as divergências eram por representatividade, segundo Ianni.

A pressão dos grupos socialistas e sindicais que insuflavam Goulart pela implementação das chamadas reformas de base, especialmente depois da queda do regime parlamentarista serviram de estopim para o rompimento do PTB com o PSD, aliança que atuou de esboço do golpe. Greves e diversas mobilizações sociais clamavam pelas reformas de base em todo o país, nem que estas tivessem de ser implementadas à força. Em Santa Maria, as manifestações também foram fortes e contavam com o apoio dos líderes petebistas locais, segundo recorda o coronel da reserva Alexandre Máximo Amêndola:

A partir desse momento, as esquerdas começaram a se assanhar. A essa altura, eu ainda como major, fui transferido para o regimento Mallet. Chegamos assim a um período de total anarquia no país. Aqui em Santa Maria a ala de extrema esquerda começou a se adonar de tudo, ficou dona das oficinas ferroviárias, que eram enormes naquele tempo e começaram a fazer comícios freqüentes que foram aterrorizando a população civil. Eles (sindicalistas), inclusive, faziam fechar o comércio. Numa época em que a televisão estava engatinhando, os comícios eram o auge. Especialmente na Praça Saldanha Marinho.³³

Seduzidos pela possibilidade de governar sozinhos, os petebistas acabaram ganhando a rivalidade do PSD quando passaram a ter como um dos principais alvos das ações do governo as críticas à propriedade privada. Era o próprio PTB aproximando os seus antigos aliados sociais democratas dos seus eternos inimigos, os udenistas, segundo Ianni. Era o PTB unindo os inimigos que viriam a derrubá-los posteriormente com a ajuda dos militares: a elite agrária e os grupos liberais da

³³ AMÊNDOLA, Alexandre Máximo. Entrevista concedida no dia 13 de junho de 2003.

economia industrial e da classe média da sociedade brasileira. Era alinhavado o Golpe Militar, segundo Ianni.³⁴

À medida que avançava o processo democrático, que os trabalhadores em geral, na cidade e no campo, organizavam-se em termos políticos, as forças reacionárias do país, em associação com o imperialismo, movimentavam-se no sentido de bloquear o processo político. Tanto a burguesia urbano como a rural – quando não eram uma categoria social unificada – mobilizaram-se para deter o acenos político do povo. Já era amplo e intenso o processo político de base popular, que se desenvolvia nos sindicatos, partidos, eleições, greves, comícios, debates e muitas outras atividades. Exatamente nos anos em que mais avançaram as lutas democráticas, em 1961-1964, precisamente nesses anos as forças reacionárias organizaram-se para pôr em prática o Golpe de Estado de 31 de março de 1964.

O Golpe acabou se concretizando na madrugada do dia 31 de março de 1964 quando as tropas da IV Região Militar, com sede em Minas Gerais, marcharam em direção ao Rio de Janeiro. Para os militares, o Golpe não era chamado de Golpe, mas sim Contra-Revolução. Foram necessários menos de dois dias para que o golpe alcançasse seu objetivo e os militares depusessem João Goulart da presidência da República Federativa do Brasil. Segundo o historiador Rodrigo Patto Sá Motta, o Golpe foi uma movimento incentivado pela insegurança e o temor que atingia parcela da sociedade brasileira, principalmente as classes médias e altas que temiam a implementação das reformas de base defendidas pelo governo Goulart sobre a pressão cada dia maior dos movimentos sociais. Era, segundo o autor, o temor de que uma revolução socialista pudesse ser implementada no país.³⁵ Medo que ganhava força nos comícios, recordados pelo coronel Alexandre Máximo Amêndola.

O pior de tudo é que nestes comícios haviam ameaças repentinas de paredón. O paredón era lá onde é a Viação Férrea. Eles ameaçam fuzilar quem era contra o regime comunista (...) Então o povo foi ficando atemorizado e começou a apelar para o Exército. Esses comícios aconteciam sempre, a cidade vivia de sobressalto, aterrorizada.³⁵

Em Santa Maria, o golpe atingira em cheio o governo dos trabalhistas Paulo Lauda e Adelmo Simas Genro. Na madrugada em que o movimento foi

³⁴ IANNI, Octavio. *Pensamento Social do Brasil*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 281.

³⁵ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. In. REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe militar e a ditadura 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004. p. 179.

³⁵ AMÊNDOLA, Alexandre Máximo. Entrevista concedida no dia 13 de junho de 2003.

implementado, a prefeitura estava sob o comando de Adelmo. Lauda estava afastado para cuidar da sua esposa, que apresentava problemas de saúde. A madrugada de Adelmo foi longa, como lembrou o jornalista José Salamoni, no dia da morte de Adelmo, em 7 de setembro de 2003. Em entrevista ao jornal *Diário de Santa Maria*³⁶, Salamoni contou que os dois passaram a madrugada avisando a população, por meio do rádio, que o Golpe estava chegando: “Falávamos incansavelmente. Levanta-te santa-mariense ou o golpe te pega na cama; Quando o Adelmo cansava, eu pegava o microfone, junto com outros companheiros”.

O Regime Militar começava em Santa Maria e no restante do país, colocando fim a qualquer hipótese de reformas de base sonhada pelos movimentos sociais e categorias sindicais. Goulart é deposto da presidência da República pelos militares e foge para o Uruguai. As massas populares que almejavam mudanças são obrigadas a se calar, sob a pena de serem punidas pelas regras do novo regime. Era apenas o começo de um regime que durou vinte anos no país. Era o fim do sonho de melhorias que eram desejadas pela força popular.

³⁶ Jornal “Diário de Santa Maria”. 8 de setembro de 2003, p. 6.

6 ANOS DE CHUMBO: A DEPOISÇÃO DE LAUDA E ADELMO

Baseados no temor de que o Brasil seguisse o caminho trilhado por Cuba – que como resultado da Revolução de 1959, vinha tendo regime socialista implementado - o governo militar começou uma série de perseguições contra quem era favorável à revolução social e a tantos outros que, de uma forma ou de outra, manifestavam-se contrários à Ditadura Militar que estava sendo implantada no país. Começava uma série de Atos Institucionais – dezessete ao todo - que impuseram pânico à população brasileira. Perseguições com contornos de “problemática racial”, como avaliou o sociólogo Octávio Ianni.³⁷ Para o autor, a partir de 1964, “ficou mais difícil falar em democracia racial em um país em que o povo em formação foi jogado de novo (assim como aconteceu na Revolução de 30)³⁸ ao nível de simples população de trabalhadores”.

Esse processo se disfarçou sob a tese de que as pessoas, os grupos, as associações, os movimentos sociais, os partidos políticos, as idéias podiam ser suspeitos, perigosos, nocivos à segurança do Estado. Os governantes não precisavam revelar o seu racismo; simplesmente passaram a tratar toda a população de trabalhadores como indefesa, incapaz para o voto, sujeita à demagogia e ao carisma, suspeita, carente do mando do Estado militarizado: população conquistada.

Apesar de a repressão militar não fazer distinções entre sexo, etnia ou classe social, os mais atingidos pelo Golpe Militar foram os militantes dos movimentos de base e de partidos políticos - principalmente do PTB e do PCB. Integrantes dos movimentos revolucionários, segundo Aarão Reis Filho, também radicalizavam-se e tornavam-se alvos incontestáveis do governo desde o início do regime.³⁹ Entre eles, o autor destaca a as alas radicais do PTB e (PCB). Nas esquerdas organizadas, Reis faz destaque às organizações claramente definidas pelo seu caráter revolucionário, como a Ação Popular (AP) e o Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Todos foram alvos da repressão do Estado Militar desde a implementação do golpe que derrubou a democracia.

³⁷ IANNI, Octavio. *Pensamento Social do Brasil*. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 136.

³⁸ Idem, ibidem. p. 134. Ao fazer um resumo da atuação do povo brasileiro nos movimentos sociais desde a abolição da escravatura, Ianni diz que o ano de 1930 assinala uma alteração fundamental no enfoque do problema racial brasileiro, especialmente a partir da ruptura representada pela Revolução de 30. A tese da chamada democracia racial, com a participação de todas as raças na composição da sociedade brasileira entra em crise com o princípio da cidadania da mercadoria, que aparece como se fosse atributo de compradores e vendedores, principalmente de força de trabalho.

³⁹ REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe militar e a ditadura 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: Edusc, 2004. p. 36.

Para os militares, a intervenção na política brasileira tinha um caráter preventivo e de reestruturação da ordem nacional, que segundo eles estaria em risco com a mobilização cada vez maior dos movimentos sociais que pressionavam João Goulart pela implantação das reformas de base. Ao tomarem o poder, a criação dos Atos Institucionais surgiu como uma regra a ser seguida e que, para os novos líderes, era de fundamental importância para manter a ordem política e social do país. Contudo, o que surgiu para colocar ordem acabou se transformando em uma ameaça à boa parte da nação. Eram os “anos de chumbo” mostrando sua faceta logo depois da deposição de Goulart.

O primeiro Ato Institucional (AI-1) foi instituído logo depois da concretização do Golpe. Com a deposição de João Goulart, assumiu o poder em caráter provisório o então presidente da Câmara dos Deputados, Pascoal Ranirai Mazzilli. Porém, Mazzilli era nada mesmo que uma figura decorativa, uma vez que o poder passou a ser exercido de fato por uma junta governativa formada por três ministros militares: o vice-almirante Augusto Rademaker Grünewald, o tenente-brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo e o general Artur da Costa e Silva. De acordo com o pensamento dos chefes revolucionários, o movimento político-militar não tivera por objetivo apenas a deposição de Goulart. Sua meta fundamental havia sido combater a "subversão e a corrupção", bem como a "infiltração comunista" na administração pública, nos sindicatos, nos meios militares e em todos os setores da vida nacional.⁴⁰

O AI-1 foi implementado no dia 9 de abril de 1964 e previa a cassação imediata dos direitos políticos de exatamente cem políticos e cidadãos pelo prazo de dez anos. Luiz Carlos Prestes encabeçava a lista dos considerados inimigos da nação. Pelo mesmo ato, também tiveram os direitos políticos suspensos o ex-governador Leonel de Moura Brizola, o ex-presidente da República, Jânio Quadros, os escritores Celso Furtado e Rubens Paiva e também três militares: os generais Luiz Gonzaga de Oliveira Leite, Sampson da Nóbrega Sampaio e o marechal Osvaldo Ferreira Alves.

Um dia depois da implementação do AI-1, o jornal *A Razão* trazia na sua manchete de capa o anúncio do ato que estava em vigor. O ato também determinava que a eleição do presidente e vice-presidente da República, que terminavam seus mandatos em janeiro de 1966, deveriam ser feitas pela maioria absoluta do Congresso Nacional, em sessão pública e votação nominal. O AI-1 tinha

⁴⁰ FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, Cpdoc. *Centro de Pesquisa e Documentação História Contemporânea do Brasil*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/5744_4.asp>. Acesso em: 12 mar. 2006.

validade até 30 de janeiro de 1966.⁴¹ Era o prenúncio de que o governo trabalhista de Santa Maria estava com os dias contados.

A partir de abril, toda uma geração de lideranças ativas na cena política no pré-1964 passou a ser perseguida pelo regime militar, segundo afirma a historiadora Denise Rollemberg.⁴² Em comum, os perseguidos tinham a experiência dos embates políticos antes do Golpe, as barganhas políticas, as negociações pré-eleitorais, as greves, as manifestações de rua, etc...Uma vez implantado o AI-1, começaram a ser instaurados os primeiros Inquéritos Policiais Militares (IPMs), que tinham por objetivo identificar as pessoas consideradas comunistas, e conseqüentemente, inimigas da Nação.

O coronel da reserva Alexandre Máximo Amêndola, recorda que logo depois da implementação do golpe, oito IPMs foram abertos para investigar militares, fora os inquéritos abertos na área civil, com a ajuda da Polícia Civil, Brigada Militar e, posteriormente, a própria Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Cada instituição era responsável pelos seus próprios IPMs. Para ter o nome enquadrado em um IPM, bastava um comentário. Provas documentais não eram usadas nos IPMs, que chegaram a quase quatrocentos logo nos primeiros anos de Regime Militar em Santa Maria: “No decurso dos inquéritos era difícil conseguir prova documental. Os inquéritos eram baseados em provas testemunhais. Choviam os dedos duros entregando os comunistas”.⁴³

Apesar da existência dos IPMs, durante todo o mês de abril, Lauda e Adelmo seguiram no comando da prefeitura, mas sabiam que estavam com os dias de administração contados. A partir do mês de maio, a repressão em Santa Maria começou a tomar contornos destacados. No dia 5 de maio, o comando da 3ª Divisão do Exército (3ª DE) divulgou o nome das pessoas que estavam sendo investigadas por meio dos IPMs e de alguns que, inclusive, já estavam presos nos quartéis de Santa Maria. Os nomes foram estampados pelo Jornal *A Razão*⁴⁴ no dia seguinte. O motivo das prisões era conhecido por todos: suspeita por atividades de caráter subversivo, previstas nas leis que definiam os crimes militares e os crimes contra a ordem política e social.

A lista dos presos em Santa Maria era encabeçada por líderes ferroviários, os primeiros alvos dos militares, uma vez que atuavam diretamente junto ao PTB e

⁴¹ Jornal “A Razão”. 10 de abril de 1964, p. 1.

⁴² ROLLEMBERG, Denise. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe militar e a ditadura 40 anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004. p. 283-296.

⁴³ AMÊNDOLA, Alexandre Máximo. Entrevista concedida no dia 13 de junho de 2003.

⁴⁴ Jornal “A Razão”. 6 de maio de 1964, p. 4.

integravam o temido Grupo dos Onze. Balthazar de Mello, Arthur Pereira da Silva, Onofre Ilha, Dorneles Francisco Lemes, Euclides Gonçalves foram os primeiros presos políticos de Santa Maria. Todos integravam o mesmo Grupo dos que pertencia o prefeito Paulo Lauda e seu vice, Adelmo Simas Genro. Evandil da Rosa Santos, comerciante, José Bicca Larré, secretário de Comunicação da prefeitura, os dois integrantes do mesmo Grupo dos Onze, também estavam na lista dos primeiros IPMs militares. A divulgação dos nomes foi feita em maio, mas os cassados já estavam presos nos quartéis de Santa Maria desde abril.

O secretário de Comunicação do então governo trabalhista na cidade, José Bicca Larré, foi um dos primeiros a ter a liberdade suspensa. Larré foi preso no dia 17 de abril de 1964, sob ordens do então major Alexandre Máximo de Amendola. Larré recordou o dia da sua prisão em entrevista concedida ao jornal *Diário de Santa Maria*. No primeiro momento em que esteve em poder dos militares, Larré ficou onze dias isolado em uma cela de aproximadamente 1,5 metros de largura por três metros de comprimento no 3º Batalhão de Carros e Combates Logísticos. Larré recordou com mágoa: “Mancharam nossas vidas por considerar crime nossas opiniões. Sofri muito para tentar esquecer as humilhações que passei e, até hoje, tenho muita mágoa quando lembro”.⁴⁵

O golpe de misericórdia ao trabalhismo em Santa Maria veio no dia 7 de maio de 1964. Naquele dia, o então presidente da República, anunciou a cassação e a suspensão dos direitos políticos por 10 anos de uma série de prefeitos em todo o país. Na lista estavam os comandantes de Santa Maria Paulo Lauda e Adelmo Simas Genro. Poucas horas depois do anúncio, a prefeitura de Santa Maria foi assumida pelo presidente da Câmara de Vereadores, Waldir Mozzaquatro. O vereador ficou no comando da prefeitura até a realização das eleições indiretas, feita pela própria Câmara. Era o fim do governo do PTB em Santa Maria. O fim de um sonho de mudanças que se apagava com a deposição dos seus líderes. Era a Ditadura Militar imprimindo suas marcas na história política de Santa Maria.

Quatro dias após a deposição de Paulo Lauda e Adelmo Simas Genro, a Câmara de Vereadores decidiu que as eleições indiretas para prefeito e vice-prefeito deveriam acontecer em, no máximo, dez dias após a cassação dos prefeitos trabalhistas. Na mesma sessão, o então presidente da Câmara e prefeito interino, Waldir Mozzaquatro, leu em plenário um telegrama do general Ernesto Geisel,

⁴⁵ Jornal “Diário de Santa Maria”. 19 de junho de 2003, p. 8-13.

secretário do Conselho de Segurança Nacional, comunicando a cassação dos trabalhistas.

A eleição indireta para a escolha do novo prefeito de Santa Maria aconteceu no dia 15 de maio de 1964. As eleições indiretas elegeram o médico Miguel Meirelles de Andrade Neves para a prefeito e Francisco Alvares Pereira para vice. Lauda e Adelmo assistiram a posse dos novos comandantes do Executivo ainda fora da prisão. A dupla ainda demorou alguns meses para ser detida. A prisão, segundo contou Adelmo, só aconteceu em setembro daquele mesmo 1964: “Fomos levados para uma audiência da Justiça Militar e quando chegamos no quartel as camas já estavam todas arrumadas só nos esperando. Nos fomos presos dia 8 de setembro de 1964. Estivemos quarenta e três dias presos.”⁴⁶

As prisões de Santa Maria, ao contrário das demais que abrigaram presos políticos no país, passam longe dos relatos arrepiantes das ações mais duras, perpetradas nos centros maiores, como Porto Alegre. Conforme os presos políticos santa-marienses, nas prisões locais não houve nenhum tipo de tortura física, apenas a psicológica. Já quem tivesse o passaporte carimbado para Porto Alegre poderia se preparar para a entrada na Delegacia de Ordem Política e Social, a temida Dops (organismo criado ainda durante o Estado Novo, em 1942), para reprimir aqueles que manifestavam opiniões contrárias ao Regime Militar.

À tortura psicológica, porém, nenhum dos presos de Santa Maria escapou. Todos passaram pelo alojamento do Regimento Mallet, para onde eram levados pelos militares, segundo Adelmo. Lá, permaneciam dias presos e isolados das famílias.

Eu sei que houve no país de lado a lado, torturas, mortes agora em relação a nós aqui em Santa Maria nunca houve nada disso. Acho que se fizessem isso ia repercutir de forma negativa na população porque nós éramos muito populares. Houve desconsideração. Nós levavam para prestar depoimento, nós levavam em carroceria de caminhão e não deixava de ser uma tortura moral.⁴⁷

A implantação dos demais atos institucionais, inclusive o temido AI-5, de 1968, aumentou a pressão sobre os considerados subversivos. Mas coube ao AI-1 o golpe de misericórdia que pusera fim ao sonho trabalhista na cidade. Lauda e Adelmo demorariam dez anos para reaver seus direitos como cidadãos. Durante este período, estavam impedidos até de trabalhar. Era o peso da doutrina militar

⁴⁶ GENRO, Adelmo Simas. Entrevista concedida no dia 14 de junho de 2003.

⁴⁷ Idem, ibidem.

imprimindo suas marcas para sempre na história política nacional. Para Santa Maria, que vivia o começo do seu mais mobilizador governo de esquerda antes do fim da democracia, era o fim de um sonho de mudanças.

CONCLUSÃO

O FIM DO PTB NOS SEUS MOLDES TRADICIONAIS

A derrocada de João Goulart do poder pelos militares na noite de 31 de março de 1964 representou bem mais que o fim de um governo comandado pelo PTB no país e na cidade. Era o fim de um sonho trabalhista calcado nos ideais defendidos por Getúlio Vargas e que ao longo de dezenove anos havia sido alicerçado junto à parte da sociedade brasileira.

A deposição de Jango representava o fim de um sonho de melhorias sociais. Era a derrubada pelas classes dominadoras e pelos militares de bandeiras como a reforma agrária, a reforma bancária e a reforma urbana. Mudanças até hoje nunca alcançadas no país. A repressão militar foi a mordaca colocada na boca dos trabalhistas e de todas as pessoas ligadas a movimentos sociais que lutavam por melhorias e conquistas para a sociedade. Era o começo da fase mais nebulosa da história política brasileira. Uma fase na qual a força passou a ditar as leis. Uma fase onde pensar era sinônimo de afronta ao governo. Uma fase em que a tortura serviu de passaporte para o fim de muitos daqueles que sonhavam com um Brasil melhor. Um fim na maioria dos casos até hoje nunca explicados pelo governo, que guarda nos seus arquivos secretos a história de um período escuro do Brasil. Boa parte dos presos e torturados nunca tiveram acesso aos processos que o condenaram como inimigos da nação. Muitas famílias de mortos e desaparecidos nunca tiveram a chance de enterrar seus entes em virtude da repressão do estado implementada pelos militares.

Contudo, para muitos, a Ditadura Militar foi a única solução encontrada para se evitar o que poderia ser uma ditadura de esquerda, nos mesmos modelos em que havia sido implementada em Cuba anos antes e que era tido como modelos pelos trabalhistas mais fervorosos do país. Para parte das classes sociais mais favorecidas, o Regime Militar surge como uma salvação para evitar o colapso da

sociedade. Tanto que a tomada do poder é chamada pelos militares de contra-revolução. Uma medida contra o que eles denominavam de uma revolução socialista que estava sendo arquitetada pelos movimentos sociais com a ajuda do governo trabalhista de João Goulart.

Uma revolução social que era e sempre foi a base da construção trabalhista. Uma base que se desolidificou com a chegada dos militares ao poder. A chegada da anistia no final dos anos 70 com o retorno de Leonel de Moura Brizola ao país depois de um exílio de anos no Uruguai não representou o recomeço do PTB nos seus moldes tradicionais. Brizola perdeu a batalha pela conquista da sigla. Uma sigla que dos ideais só restava o nome. Sobrou a Brizola e seus seguidores formar o Partido Democrático Trabalhista (PDT), que tentou levar a diante os mesmos ideais defendidos por Vargas e Pasqualini.

Mas os tempos eram outros. O Brasil estava amedrontado e calado pelos anos de imposição militar. Renovar as idéias trabalhistas era uma batalha que o tempo havia se responsabilizado por excluir da maior parte da sociedade. O PTB nunca mais foi o mesmo que o dos tempos do tripé Vargas-Brizola-Goulart. O PDT nunca conseguiu revigorar a força que o PTB teve junto à sociedade no período referente às décadas de 40 e início dos anos 60. Aos que viveram o auge de ser governo no período em que o PTB era a influência, restaram as lembranças e a frustração de não terem tido tempo suficiente para implementar as reformas. Restaram também a derrota, as torturas e a perda dos mandatos, uma mancha que o tempo jamais vai conseguir apagar. À população, restou as lembranças, que o regime militar não conseguiu apagar. Para algumas pessoas, era o sonho de ver as conquistas sociais reprimidas e apagadas durante quase vinte anos. Para outras, a frustração da derrota.

Uma derrota que para sempre ficou na memória dos santa-marienses que viveram aquele período ou que ao menos acompanharam a história por meio de narrativas posteriores. O PTB criado por Vargas e seguido por Goulart e Brizola deixou de existir na cidade logo depois que a Ditadura Militar chegou. Pessoas como Lauda e Adelmo, que até então nunca tinham estado atrás das grades perderam dias valiosos de suas vidas tentando explicar para os militares que seu único crime era querer uma sociedade mais justa. Se haveria *paredón*, com ameaças à integridade da população, como recordou o militar da reserva Alexandre Máximo Almeida, nunca vamos saber de fato. É a palavra do militar contra a dos políticos que atuavam na época. Mas que a mágoa entre as partes ficou, essa não dá para

negar. Recordar a história do último governo democrático de Santa Maria antes do Golpe é uma aula de cidadania e um aviso. Uma mostra de que as conquistas sociais estão sempre fadadas aos temores e à força imposta pelas classes sociais mais conservadoras. As classes que realmente comandam a sociedade até os dias de hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor; HORKEHEIRER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

AMÊNDOLA, Alexandre Máximo. Coronel da reserva que durante a implementação do Regime Militar atuou como major em Santa Maria. Entrevista concedida à autora no dia 13 de junho de 2003.

BOUDON, Raymond. **A ideologia e a origem das idéias recebidas**. São Paulo: Ática, 1989.

CASTEÑEDA, Jorge. **Che Guevara**. A vida em vermelho. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

COUTO, Adolfo João de Paula. **A Revolução de 1964**. A versão e o fato. Porto Alegre: Gente do Livro, 1999.

FERREIRA, Jorge. **Revista Brasileira de História**. n. 47, v. 24, 2004.

FREUD, Sigmund. In.: SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GENRO, Adelmo Simas Genro. Vice-prefeito de Santa Maria eleito pelo PTB nas eleições de novembro de 1963. Teve os direitos cassados após a implementação do Regime Militar. Entrevista concedida à autora no dia 14 de junho de 2003.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais**. Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

IANNI, Octavio. **O colapso do populismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

_____. **Pensamento social no Brasil**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

_____. **PTB**: do Getulismo ao Reformismo. São Paulo: Marco Zero, 1989.

JORNAL "A RAZÃO". 10 de abril de 1964.

_____. 6 de maio de 1964.

_____. Jornal. 1º de janeiro de 1964

JORNAL "DIÁRIO DE SANTA MARIA". 19 de Junho de 2003.

_____. 23 de junho de 2004.

_____. 8 de setembro de 2003.

NEVES, Lucilia de Almeida. In.: FERREIRA, Jorge (org.). **O populismo e sua história**. Debate e Crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

REED, Jonh. **Os 100 dias que abalaram o mundo**. O mais célebre relato da Revolução Russa. Porto Alegre: L&PM, 2002.

REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **O golpe militar e a ditadura 40 anos depois (1964-2004)**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

RFGV, Cpdoc. **Centro de Pesquisa e Documentação Histórica e Contemporânea**. Disponível em http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/5744_4.asp. Acesso em: 12 mar. 2006.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

ANEXOS

ANEXO A
REPORTAGENS EM JORNAIS